Ano III — Lisboa, 1 de Janeiro de 1947 — N.º 21

# SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

MENSÁRIO

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

# *Dois anos!*

Ao comemorar o 2.º aniversário do «*Sempre Pronto*», somos levados a evocar as primeiras horas do início da Obra. O Escotismo não tinha em Portugal qualquer órgão de imprensa. O público quase não ouvia falar de escoteiros, os grupos viviam isolados entre si; os do Norte não sabiam dos do Sul, estes não tinham conhecimento dos de Lisboa; nos Açores quase era desconhecida a existência de escoteiros. Os nossos camaradas do Ultramar ignoravam se havia Escotismo no Continente.

De vez em quando, carta de longe revelava-nos a ansiedade por notícias. E nós dizíamos, outros repetiam: — *faz falta um jornal!* E logo nos surgia a sugestão: — *e se fizéssemos um jornal?* Entretanto, a ideia tomou forma, ampliou-se, vieram os incitamentos, os entusiasmos, mas logo após os conselhos prudentes lembrando que o momento era péssimo e que a pequena imprensa estava lutando com dificuldades tais que muitos órgãos suspendiam a publicação.

E eram sensatos tais conselhos. Todavia, o jornal saiu. — *Só publicam 5 números, é a tabela dos jornais escotistas* — disseram. Mas o bimensal passou a bi-trimestral, mais tarde a mensal e publica hoje o seu 21.º número. De facto, as dificuldades têm sido grandes e, neste momento, são ainda maiores, quase insuperáveis. São tão graves, que a grande imprensa, com enormes recursos, se ressente delas. Mas tenhamos Fé, Deus há-de ajudar o nosso esforço e a colaboração de tantos amigos, que temos tido a felicidade de reunir, não nos vai faltar.

Estamos servindo um Ideal e não quaisquer homens. É certo que este facto também nos tem trazido aborrecimentos. Mas o que representam eles em face da satisfação do Dever cumprido? E para que nos havemos de preocupar com o despeito de dois ou três se temos tido a alegria de receber o apoio entusiástico de dezenas de camaradas, antigos e actuais escoteiros, que querem que o «*Sempre Pronto*» viva, progrida, a bem do Escotismo, a bem de Portugal?

O «*Sempre Pronto*» é já hoje um elo de camaradagem entre algumas centenas de antigos, actuais escoteiros e simpatizantes do Escotismo. E nós prometemos, garantimos mesmo, que enquanto sentirmos a nosso lado a amizade e colaboração de tantos amigos, não arredaremos pé, prosseguiremos procurando vencer as dificuldades que surjam ou nos criem.

Sabemos que o nosso trabalho não é perfeito, nem o pode ser. Não é mesmo tão perfeito quanto deveria, mas é o melhor que temos podido realizar. Só nos resta manifestar o nosso reconhecimento a todos e tantos que nos têm ajudado. E desejamos fazê-lo, de maneira particular, aos nossos Delegados e Agentes, cooperadores duma dedicação inexcedível, a quem o «*Sempre Pronto*» muito deve, saudando assinantes, colaboradores, anunciantes, gerência e pessoal da empresa gráfica, pelo carinho dispensado ao jornal no ano agora findo com o qual, esperamos, continuaremos a contar.

Saudamos ainda a Imprensa, tanto diária como periódica, que nos tem dispensado um acolhimento simpático, a que, certamente, não é alheio o sentimento de solidariedade, reforçado pelo conhecimento das dificuldades presentes que, se a todos afligem, mais duras são quanto mais pequena for a imprensa.

Um novo ano iniciamos hoje. Continuaremos *sempre prontos!*

## 1947—UM ANO BOM

*1946, velhinho, recurvado, de longas barbas brancas, acaba de se despedir de nós. Em seu lugar, ficou o novato 1947, alegre, sorridente e cheio de esperanças, sinais evidentes da sua mocidade.*

*Mas, o que é um ano? Será sòmente aquele grupo de 365 dias a que correspondem outras folhas do calendário? Não é, todos o sabem. Quantas alegrias, quantas tristezas, lutas, dificuldades, dissabores e canseiras não representa ele para nós? Volvendo o nosso olhar para trás, podemos admirar as evoluções que a nossa vida tem sofrido no curso de cada um deles. Um ano é, em muitos casos, tempo de sobejo para transformar ricos em pobres, infelizes em afortunados, alegrias em luto, vencidos em vencedores e nações ricas e prósperas em ruínas.*

*Que nos trará o ano de 1947? podemos perguntar. Estaremos preparados para enfrentar as mutações que, porventura, se registem através dos seus dias?*

*É bem certo que, ao principiar de cada ano, estamos, quase sempre, animados de um vivo desejo de progredir, mas, se o ambiente não é favorável, esquecemos esse plano que cuidadosamente guardávamos e, desanimados, somos tomados de um desinteresse, dos mais contraproducentes efeitos. Se é sempre tempo de retomar o bom caminho, não deixemos de aproveitar esta oportunidade de agora,—o alvorecer de 1947,—para elaborarmos um novo programa para as nossas vidas. Tenhamos confiança, força e boa vontade para levarmos por diante a rota delineada. Virão obstáculos? É muito provável que sim, mas não desanimemos; procuremos vencê-los. A vitória mais aprazível é aquela que mais custa a alcançar. Não será maior o valor do general provado pelas mais rudes batalhas, que o daquele que nunca respirou a atmosfera da luta?*

*A vida é como um caminho a percorrer. Quando não está rodeada*

*(Continua na 2.ª página)*

# O 13.º Aniversário do Grupo n.º 53

Este Grupo comemorou com todo o brilhantismo o seu 13.º aniversário. No dia 1.º de Dezembro, às 11 horas, no Templo dos Marianos, realizou-se um serviço religioso de Acção de Graças, no qual foi orador o Sr. Dr. Luís Pereira.

À tarde, no Salão Social do Esforço Cristão, houve uma sessão solene presidida pelo Sr. Ascensão Cardoso que representava a Associação dos Escoteiros de Portugal. O chefe do Grupo, o nosso camarada Armando Lino, fez a leitura da Ordem de Serviço n.º 157 que concedia diversas estrelas de serviço, insígnias de classe e de aptidão. Prestaram Compromisso de Honra os aspirantes José Fernando Domingos, António Faustino Costa, Manuel Vasques Menau, Carlos Mamede e Armando Silva, aos quais o Chefe do Núcleo de Lisboa, Sr. Carlos Branquinho, e o Chefe do Grupo, dirigiram palavras de estímulo e felicitação.

Usou da palavra o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo que disse iria conversar com escoteiros, como se estivesse num acampamento, em volta da fogueira, e evocou o início do Grupo 53 e a sua própria Promessa, como Escoteiro, no Grupo n.º 1.

Analisou pormenorizadamente os princípios da Lei do Escoteiro e, fazendo o paralelo com uma lâmpada que, para dar luz, necessita de estar em contacto com a central eléctrica, afirmou «nós somos uma força, mas só podemos brilhar, agir, se estivermos em contacto com Deus». Terminou lendo a tradução do soneto «If» de Kipplingque publicaremos no próximo número do nosso jornal.

A sessão terminou depois do Sub-Chefe Sr. Cláudio Merelo ter lido o relatório das actividades do ano findo, e o Tesoureiro, Sr. Vítor Duarte, o relatório financeiro.

Na sede do Grupo procedeu-se depois à inauguração duma nova dependência, na qual foi descerrada a fotografia do Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, a quem foi entregue a medalha de ouro de Dedicação, em reconhecimento dos serviços prestados ao 53.

A estas cerimónias assistiram os Srs. Rev. Pinto Ribeiro, Presidente do Grupo; Carlos Branquinho, Chefe do Núcleo, e muitos dirigentes e escoteiros dos Grupos em actividade da capital.

* * *

Em continuação das comemorações, na quarta-feira efectuou-se na sede do Grupo um chá de confraternização entre os antigos e actuais escoteiros, no qual tomaram parte os Srs. Rev. Pinto Ribeiro, Miss Gladys Price, João Pedro de Figueiredo, Alves de Azevedo, Carlos Branquinho, Vítor Duarte, o Chefe e o Sub-Chefe do 53 e diversos outros antigos e actuais escoteiros.

Na sexta-feira realizou-se novo chá dedicado a famílias de escoteiros e sócios auxiliares do Grupo que compareceram em bom número, bem como todo os elementos que estiveram na reunião anterior e ainda o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo.

As comemorações encerraram-se no dia 8 com um bom almoço a 30 velhinhas pobres e ainda a umas 4 criancinhas.

O «*Sempre Pronto*» felicita os Chefes e escoteiros do 53 pelo 13.º aniversário, aproveitando o ensejo para agradecer a colaboração amiga que sempre tem encontrado neste Grupo.

• • o • •

## Ora faça o favor de rir...

*Um garoto brinca à torreira do sol perto de casa.*

*A mãe chegando à porta:*

*—Carlos, que estás fazendo ao sol?*

*—Nada mamã, eu não lhe chego, está lá tão alto!*

Na aula

O Professor—*O que é que a Espanha produz mais que qualquer outro país?*

O aluno—*Espanhóis!*

# A boa acção dum escoteiro holandês

Jean Van Hoof é o nome dum escoteiro holandês que merece ser lembrado por todos nós. A sua Pátria tinha sido invadida pelos alemães e Jean sabia que tinha prometido servi-la. Soube, porém, esperar o momento oportuno, ficando inteligentemente atento às circunstâncias. Um dia começou a constar que os exércitos aliados se aproximavam da Holanda e compreendeu que os alemães na sua fuga, iriam destruir as pontes prejudicando o avanço das forças amigas.

Estudou o caso e quando pressentiu que os alemães preparavam a retirada infiltrou-se por entre as guardas, nadando no rio, e desligou as cargas de dinamite que o invasor tinha colocado na ponte de Nymegen.

Na altura própria os alemães fizeram saltar todas as pontes, mas verificaram aflitos que aquela continuava intacta e que os exércitos aliados avançavam por ela em sua perseguição.

As autoridades militares pensam que este acto adiantou o fim da guerra em algumas semanas.

Jean Van Hoof juntou-se às forças de resistência, continuou a combater, e tombou ao Serviço da sua Pátria. Tinha 12 anos de idade, mas foi um herói.

• • o • •

## Juan António Dimas

Faleceu por alturas de Abril p. p. este grande escoteiro espanhol, conhecido mundialmente por *Lobo Cinzento* e que foi fundador dos *Exploradores de España* e seu grande animador e principal impulsionador até à sua suspensão.

Juan António Dimas, que formou o primeiro grupo de escoteiros espanhol em 1914, no pequeno porto de Aguilas, no Mediterrâneo, desaparece no momento em que poderia prestar, de novo, relevantes serviços à sua Pátria, através do Escotismo.

• • o • •

## 1947—UM ANO BOM

*(Continuação da 1.ª página)*

*de montanhas elevadas e de depressões e subidas alterosas, perde muito do seu encanto e torna-se enfadonha e insípida. As dificuldades têm as suas virtudes. Quando não for possível evitá-las, enfrentemo-las decididamente e vençamo-las. Isto fortalecer-nos-á, tornando-nos aptos a desdenhar de contrariedades ainda maiores.*

*Ao principiar do ano de 1947, estamos certos de que os nossos leitores não irão desprezar os seus bons propósitos para este ano. Desta maneira, somos levados a pressagiar-lhes, aos nossos amigos, assinantes e colaboradores, um Ano Novo muito feliz e cheio de prosperidades, isto é, um autêntico Ano Bom.*

# O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

## «Jamboree» no Ocidente Africano

De 10 a 17 de Fevereiro de 1947, terá lugar em Lagos, Nigéria, o «Jamboree» do Ocidente Africano em que participarão escoteiros de todos os pontos da Nigéria bem como contingentes do Congo Belga, África Ocidental Francesa, Gâmbia, Costa do Ouro, Angola (!!) Serra Leoa.

Será oficialmente aberto pelo Comissário Nacional Sir Arthur Richards e estará presente Lorde Rowallan, Chefe Geral dos Escoteiros do Império Britânico.

Do programa, cuidadosamente elaborado constará uma cerimónia religiosa na Catedral de Lagos, outra na Mesquita Maometana, exibição de filmes especiais para escoteiros, competições de futebol e natação, paradas e outras demonstrações de carácter escotista.

## Suíça

A Federação dos Escoteiros Suíços de colaboração com a Cruz Vermelha Suíça, montou no ano findo em diversos pontos do seu país, 21 campos para reabilitação de crianças das áreas afectadas pela guerra, da Áustria, França e Holanda. Dirigentes e Guias de Patrulha prestam serviço nos acampamentos, fazendo a distribuição de alimentos, equipamentos, etc.

Já em 1945, tinham montado 30 campos que foram destinados a 1.000 rapazes belgas e franceses e no ano findo contavam receber entre 800 a 900.

## ESTATÍSTICAS

### Estados Unidos da América

Segundo o censo fechado em 31 de Março último, o Escotismo nos E. U. da América do Norte conta com um total de 1.970.345 membros, assim divididos:

| | |
|---|---|
| **Rapazes** | |
| Escoteiros ..... | 1.033.212 |
| Lobitos ..... | 478.225 |
| Total de rapazes..... | 1.511.437 |
| **Adultos** | |
| Chefes e roteiristas .. | 351.036 |
| Dirigentes de lobitos, incluindo senhoras. | 107.872 |
| Total de adultos..... | 458.908 |

Bem entendido que nestes números não estão incluídas as escoteiras.

### Grã-Bretanha

Nas Ilhas Britânicas, pelo censo fechado em 31 de Março de 1945—o último efectuado,—existem 398.653 escoteiros divididos conforme segue:

| | |
|---|---|
| Dirigentes e roteiristas | 31.042 |
| Escoteiros ..... | 211.100 |
| Lobitos..... | 156.511 |
| Total..... | 398.653 |

### Grécia

Na Grécia existem 6.000 lobitos, 32.000 escoteiros terrestres, 6.000 escoteiros marítimos e 2.100 dirigentes que perfaz o total de 46.100 membros.

### Brasil

A Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra também conta com efectivos elevados, segundo o relatório publicado referente a 1945.

No censo de que a seguir damos nota, não estão incluídos os efectivos de 6 estados, e diz respeito apenas aos escoteiros terrestres.

| | |
|---|---|
| Dirigentes e Pioneiros (Roteiristas)..... | 2.302 |
| Escoteiros ..... | 16.297 |
| Lobitos..... | 3.594 |
| Total..... | 22.393 |

# FERNANDA FURTADO FAIA

O «*Sempre Pronto*» cumpre um dever ao prestar homenagem a Fernanda Furtado Faia, que ao nosso jornal dedicava uma sincera amizade, traduzida por uma colaboração activa e anónima na Administração, onde prestou relevantes serviços.



Era uma jovem de 23 anos, esperançosa e de irradiante simpatia. Tinha o seu enlace matrimonial, com o nosso camarada Capitolino Ferreira Macedo, marcado para 5 de Outubro último. Porém, duas semanas antes sente-se doente, consulta um médico que aconselha o seu internamento no Hospital de Santa Marta e é imediatamente operada numa tentativa inútil de a subtrair à terrível doença que a minava. Em 10 de Dezembro findo, o seu sofrimento tem fim e o Senhor chama-a para junto de si, baixando o seu corpo à sepultura amortalhado no vestido que ao noivado se destinava. Deixa profundas saudades, não só à sua desolada família e noivo, mas a todos que com ela tiveram o prazer de privar.

A extinta, funcionária zelosa da Estação Agronómica Nacional, era filha dos nossos amigos Srs. Nicolau da Costa Faia e D. Maria da Anunciação Furtado Faia; irmã do escoteiro Joaquim Furtado Faia, do Grupo 94.

O funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar, tendo-se encorporado grande número de pessoas amigas, entre o qual muitos funcionários da Estação Agronómica Nacional.

O Grupo n.º 2 fez-se representar pelo seu Chefe, o nosso amigo Sr. Sá Viana; o Grupo 94 por uma deputação dos seus escoteiros, e o nosso jornal pelo seu Director. O serviço religioso foi dirigido pelo Rev. Joaquim Rosa Baptista.

O «*Sempre Pronto*» apresenta sentidas condolências a toda a família em luto, particularmente aos nossos camaradas Joaquim Furtado Faia e Capitolino Ferreira Macedo.

# Enquadramento dos actuais seniores

*A propósito do que no último número escrevemos sobre a divisão sénior, transcrevemos, em parte, este interessante artigo de "O Escoteiro„ de 1930. A matéria nele contida tem hoje a mesma oportunidade.*

Ao iniciar este nosso artigo, cumpre-nos confessar que tivemos uma ligeira hesitação quando lhe atribuímos o título que havíamos escolhido.

No nosso movimento é talvez um neologismo. Mas não encontrei outro termo com mais propriedade.

Podia chamar-lhe posição, destino, situação ou colocação dos actuais seniores.

Nenhuma destas expressões, porém, satisfaz como aquela para significar a entrada desses escoteiros nos «quadros» da «divisão» agora reorganizada.

O trabalho inicial dos dirigentes do movimento «sénior», qualquer que seja a sua categoria, tem de ser, efectivamente, o de «enquadrar» todos os escoteiros da A. E. P. com a idade regulamentar de sénior ou com o desenvolvimento e robustez física correspondentes.

.....

Nunca é de mais repetir que «o grupo vale o que valer o chefe». E nesta ordem de ideias começaremos por este, tanto mais que é a ele a quem compete seleccionar, classificar e por fim enquadrar o sénior.

Deste enquadramento depende muito o sucesso do trabalho da Divisão e até do movimento em geral.

O escoteiro-chefe com a noção exacta da nobre missão de que, desinteressadamente, está incumbido, não pode dirigir, simultâneamente, só por si, um núcleo de seniores e outro de juniores.

Terá de proceder a um exame das suas próprias faculdades e tendências e optar pelo trabalho directo numa ou noutra Divisão.

Aos lobitos nem mesmo nos queremos referir, pois certamente, nenhum chefe da A. E. P. teria a pretensão de cuidar ao mesmo tempo dos escoteiros dessa Divisão e dos Seniores.

Quando no mesmo Grupo, além dos seniores, houver escoteiros de outra Divisão, o seu Chefe deverá encarregar pessoa idónea de tomar de sua conta o trabalho desses seniores, desde que não prefira tomar ele próprio a seu cargo esse trabalho, confiando a outrem os escoteiros das restantes Divisões. E isto, sem demora se quiser produzir trabalho eficiente.

As disposições regulamentares em vigor não lhe proíbem terminantemente as acumulações, mas indicam-lhe o caminho a seguir e o bom senso impõe-no.

As funções desse Chefe de Grupo perante as Divisões em que não opera directamente serão as de orientação geral e de fiscalização.

A escolha da pessoa encarregada de actuar com os seniores deverá recair, de preferência, em indivíduo com prática de escotismo, sabendo conduzir rapazes dentro dos princípios fundamentais deste Movimento de educação e que se imponha naturalmente por uma ascendência moral e intelectual sobre os seniores que lhe vão ser confiados.

E' condição indispensável que essa pessoa tenha apreendido o movimento sénior, se tenha integrado nos seus princípios e sinta que de facto tem tendência e dedicação pelos trabalhos nesta Divisão.

A instrução dos seniores, já está dito e redito, deve ser ministrada independentemente da dos juniores.

Insistimos neste ponto para nos contrapormos à corrente que errada e confusamente se espalhou e se conservou em muitos grupos e que tem dado origem a essa anomalia de patrulhas de características indefinidas onde era frequente encontrar rapazes 12 anos misturados com outros de 18.

Portanto, estabeleçamos de uma vez para sempre que *as patrulhas de juniores são para os juniores e as de seniores são para os seniores.*

Acabemos com essa confusão deplorável. Nunca é tarde para fazer bem.

Aqui ficam as primeiras linhas gerais para o começo do trabalho dos seniores nos grupos já existentes, as quais têm também aplicação nos novos grupos a organizar.

Trabalhemos, pois. A época que decorre, exactamente por ser de férias, é a que mais convém.

J. S. DUARTE BORREGO

Ex-Comissário da Divisão Sénior

• • o • •

# Sessão Comemorativa

## Do 2.º aniversário do «Sempre Pronto»

**No sábado, dia 11 de Janeiro corrente, às 21 ½ horas, no salão de sessões do Ateneu Comercial de Lisboa, na Rua de Eugénio dos Santos, n.º 110, realiza-se uma sessão comemorativa do aniversário do nosso jornal.**

**Será orador o ilustre jornalista e antigo escoteiro Ex.mo Sr. Belo Redondo, e a sessão será presidida pelo Ex.mo Sr. Dr. António Sá Oliveira, que foi Director do primeiro jornal escotista que se publicou em Portugal.**

**O "Sempre Pronto„ convida todos os seus leitores e amigos a assistirem à referida sessão, podendo os bilhetes de ingresso ser pedidos aos grupos de escoteiros n.os 2, 5, 9, 16, 21, 53, 79, 85 e 93, ou directamente à Redacção.**

• • o • •

# *Se calhar não sabe que...*

## Telegramas

No endereço dum telegrama escrevendo, por exemplo: «*25 1.º d.to*» paga 3 palavras. Mas se escrever assim: «*25/1.º/d.*» só paga uma. Não sabia?—pois tome nota que é importante.




# O Melhor Natal do Luís

*«Bem-aventurado o que pensa com cuidado no pobre». — Salmo 41 : 1.*

Luís era o filho mais novo de uma família de boa posição e remediadas posses. Os pais de Luís, bem como os seus dois irmãos e a sua única irmã, pertenciam a uma das Igrejas Evangélicas da cidade em que habitavam. Anexo à Igreja funcionava um Grupo de Escoteiros ao qual o Luís pertencia, como já a ele tinham pertencido os seus dois irmãos, agora já homens e homens exemplares,

Era Dezembro. O Natal aproximava-se, e o Luís gozava antecipadamente ao pensar nas belas surpresas que em sua casa acompanhavam sempre a comemoração anual desta grande festa cristã. Como o Luís era o filho mais novo — o «Benjamim» da família —, todos se empenhavam em lhe fazer surpresas no grande dia, oferecendo-lhe prendas que consistiam geralmente de objectos que lhe podiam ser úteis. Na manhã do grande dia festivo o acordar do Luís era sempre saudado pelo encontro de lindas prendas, que eram, também sempre (ele não sabia como era possível), coisas que ele muito desejava ter.

Que alegre entusiasmo ele sentia ao ver aproximar-se mais um Natal!

No Grupo do Luís havia um Escoteiro, exactamente da sua idade, filho de pais muito honestos e bondosos mas muito pobrezinhos. David era o nome desse Escoteiro pobre. Certa noite, ao saírem da reunião do Grupo e enquanto seguiam juntos a caminho de suas casas (moravam perto um do outro), estabeleceu-se entre eles o seguinte diálogo:

—Então, David, já faltam só sete dias para o Natal. Gostas do Natal, não gostas? Eu gosto muito.

—Em cá também gosto muito e parece-me que não há festa nenhuma no ano de que eu goste tanto como do Natal.

—Os teus pais costumam fazer-te presentes de surpresa pelo Natal?

—Não. Os meus pais são muito pobres e o seu escasso dinheiro não chega para presentes ou surpresas. No entanto, a minha mãe sempre arranja uma comidinha melhor, tanto para a noite de consoada como para o próprio dia de Natal. Mas o melhor de tudo é que nessa noite e nesse dia ficamos todos juntos em casa e vimos também todos juntos à nossa Igreja ao Serviço Matutino, que é sempre tão alegre. Nisto está para mim o maior encanto do Natal.

—Mas diz-me cá, ó David, não gostavas de receber assim umas prendazinhas de surpresa no dia de Natal?

—Creio bem que gostava; mas, como isso não é possível, nem sequer penso no caso. Tenho aprendido a estar contente com o que tenho, que já não é pouco, graças Deus.

Dito isto, mudaram de assunto, e, pouco depois, tomavam por caminhos diferentes em direcção aos seus lares. Mas o Luís ia muito pensativo, e, antes de chegar a casa, tomara uma firme e, para ele, importante resolução.

No dia seguinte, após o pequeno almoço, declarou aos pais e irmãos que tinha um pedido muito importante a fazer-lhes. Era o seguinte: queria que todas as prendas com que tencionavam surpreendê-lo na manhã daquele Natal lhe fossem dadas na véspera, com autorização de as poder levar para fazer uma surpresa a um Escoteiro do seu Grupo cujos pais nunca o podiam alegrar deste modo, visto serem muito pobres. Mas isto sob a condição de não comprarem depois outros presentes para ele—Luís.

Todos concordaram, vendo a beleza e generosidade da ideia; e os pais, sabendo do que se tratava, até compraram umas prendas melhores, especialmente artigos de vestuário.

Arranjadas assim as coisas, na véspera do Natal, o Luís foi a casa do David, a hora em que ele lá não estava, e entregou à mãe um grande embrulho, pedindo-lhe para ela o esconder bem escondido e fazer com que o David só o visse no dia seguinte de manhã, ao acordar.

Com lágrimas nos olhos, a comovida mãe do David beijou com ternura o rosto afogueado de alegria e entusiasmo do pequeno Luís. Na manhã daquele dia de Natal, o David ao acordar deparou-se-lhe o grande embrulho em cima da sua mesinha de cabeceira. Tinha o seu nome e esta dedicatória: «*De um amigo que te deseja um Natal, muito, muito, muito feliz*». Abriu o pacote, e, ante olhos assombrados, aparecem: ricas peças de vestuário, preciosos livros de instrução recreativa, um cartucho com ricos bolos, chocolates e «broinhas» e até alguns jogos próprios para rapazes da sua idade. Além disto tudo, um envelope contendo 100$00 escudos, que dizia por fora; «Para comprares qualquer coisa que te esteja a fazer falta».

A alegria do David foi muito grande. Nunca tinha tido um Natal assim desde que se conhecia. O que ele não podia era atinar com quem seria o generoso amigo. A mãe, por seu lado, guardou sigilo, como o tinha prometido ao Luís. De maneira que, só muitos anos mais tarde, é que o David soube quem tinha sido o anónimo.

Quanto ao Luís nesse Natal não houve surpresas para ele, mas a sua alegria era muito maior do que se as tivesse tido.

No Serviço Matutino de Natividade na sua Igreja, a que assistiu com todos os seus queridos, ouviu o Pastor, que tomou para seu texto as primeiras palavras do Salmo 41 («Bem-aventurado o que pensa com cuidado no pobre!»), dizer:

«Bem-aventurado significa muito-ditoso ou muito feliz. Aqueles que só andam preocupados com a sua felicidade nunca a encontrarão; mas aqueles que pensam com cuidado e carinho na felicidade dos outros, esses é que encontram para si próprios, sem a buscarem, a felicidade perfeita, a verdadeira bem-aventurança. Por isso diz o nosso texto: «Bem-aventurado o que pensa com cuidado no pobre!»

O Luís lá no seu cantinho, sentado ao pé da irmã, pensou: «É bem verdade o que diz a Escritura Sagrada e o que explica o nosso Pastor. Nunca fui tão feliz quando pensei só em mim, como agora que pensei no David. Realmente estou convencido de que *só encontramos a nossa felicidade quando começamos a procurar a dos outros*».

Natal de 1946.

PINTO RIBEIRO

---

*Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade.*

Provérbios de Salomão 16:32

# ENTRE NÓS, CHEFES

## PRÓLOGO

Caros Chefes:

A convite do camarada que, dedicadamente, dirige o nosso «*Sempre Pronto*», inicio hoje a publicação duma série de «conversas» *entre nós, Chefes.* E subordinei-as exactamente a este título porque lhes pretendo dar o carácter privado, que espero os restantes leitores do jornal farão o favor de desculpar.

É que podemos trocar *entre nós* algumas impressões sobre a maneira de orientar um grupo de escoteiros. Por isso a Secção, apesar de estar a meu cargo, fica aberta a todos vós. Com prazer darei publicidade a todas as IDEIAS que me forem transmitidas pelos Chefes, contendo sugestões sobre a chefia dos grupos.

* * *

**Programas** — É este o primeiro assunto que desejo tratar convosco. Está claro não vos vou dizer que é necessário que cada Grupo tenha um *Programa de Trabalho* e que cada actividade tenha o seu próprio PROGRAMA. Todos vós o sabeis e, constantemente, o repetis aos vossos guias. Porém, quase todos nós temos um defeito que prejudica grandemente a actividade dos nossos grupos. Preparamos o programa das actividades *sobre o joelho* e dizemos quase de memória:

| | |
|---|---|
| Jogos..... | 30 min. |
| Palestra..... | 10 » |
| Primeiros socorros | 20 » |
| Sinalagem ..... | 20 » |
| Canções..... | 20 » |

Escrevemos isto num modesto papelinho e pronto. Cientes da nossa SABEDORIA não pensamos, sequer, em estudar cada um dos assuntos e as nossas actividades são insípidas, não têm novidade, dizemos sempre a mesma coisa, e os rapazes à força de ouvirem o mesmo *disco*, fazerem o mesmo jogo, perdem o interesse pelas actividades.

Camaradas, vamos combinar *entre nós*, passar a estudar cuidadosamente os nossos programas como se se tratassem de programas para um campo-escola. Combinado!

LOBO VELHO

• • o • •

### Engenheiro Jorge Pereira Jardim

Acompanhado de sua Esposa, Sr.ª D. Maria Teresa M. S. P. Jardim, embarcou no Carvalho Araújo em 14 do corrente de visita à Ilha da Madeira, este nosso estimado amigo. Fazemos votos de feliz viagem.

# DO ÁLBUM DE UM VELHO LOBO

## IV

O estágio de cinco dias no acampamento dos Centenários foi muito diferente do que se havia idealizado, e isto porque a realidade quase nunca corresponde à espectativa.

Dos passeios em conjunto que o programa previa só se efectuaram os que estavam marcados para a Exposição, e mesmo esses porque não podia deixar de ser. Idas a Museus, Jardim Zoológico, etc., passaram à História sem efectivação, como à História passou a palha que ao pessoal havia de ser fornecida para recostar o corpo, no quase-rectângulo duro e pedregoso que lhe fora destinado no Jardim do Hospital Colonial. É que, para qualquer realização ser levada avante com os mínimos e necessários pormenores, não bastam prelecções e prosa deitada ao papel. São precisos braços fortes que saibam o que fazem e se responsabilizem por quanto fazem. E o acampamento — já lá vão seis anos — fora feito um pouco à base de teoria.

Mas o espírito e o entusiasmo juvenis mandaram passear todos os dissabores. Estava-se em Lisboa, e estava-se mesmo em Lisboa. Portanto, era preciso conhecer a cidade, correr a capital. E manhãzinha, um pouco maçados ainda da actividade desenvolvida nas vésperas, eis que a nossa gente toma um eléctrico, *um carro eléctrico* que a conduz à Baixa. E toca a ver todas as fachadas, todas as montras, toda a animação das ruas principais. O «Grandela», o conhecido armazém lisboeta, foi encontrado no caminho e os seus cinco andares ràpidamente percorridos pelos corpos e fardas do pessoal *sessentino*, cujos cérebros já estavam a magicar onde seria o próximo «salto».

Correram-se muitos recantos lisboetas, quase de extremo a extremo da cidade, e a vida da capital foi durante vários dias notada com interesse nos seus diferentes aspectos por um grupo de rapazolas curiosos de mais conhecer, que iam ter assunto para algumas semanas de troca de impressões.

* * *

A atracção número um, a Exposição, foi visitada de dia e de noite, para se lhe poderem admirar os encantos da iluminação nocturna, na «fonte luminosa» e em tantos outros motivos e as minúcias proporcionadas pela claridade solar. Os diversos pavilhões históricos e das colónias foram percorridos com cuidado, enquanto um bom cicerone ia explicando, aos mais novos, datas e factos. O largo estendal do regionalismo patenteado na exposição foi igualmente visto com interessada curiosidade.

Assistiu-se a um batuque e a uma sessão de ilusionismo, entre outros espectáculos, viu-se de perto a «Nau Portugal», alegórica dos descobrimentos marítimos, o «lago», e os seus barcos de recreio, viu-se, em resumo, um pouco de tudo. E o ambiente ali respirado, a luz, e tanta coisa interessante, faziam crer que se tivesse entrado em terra diferente, onde talvez fosse grato ficar, ou de onde, o melhor, seria sair com brevidade.

* * *

Certa manhã o «Costeirinho» apitou forte, à barra de Lisboa, deixando no Tejo um sulco alvo, produzido pelas pás da sua hélice. A bordo iam os elementos *sessentinos* que, se quisessem, teriam ficado mais uns dias em Lisboa e na Exposição. Mas a saudade dos seus, da sua *vilecazinha* branca perdida no fim do país era mais forte, e ei-los de novo arrostando o marulhar Atlântico, os incómodos do enjoo e os beliches apertados do «Costeiro II» a caminho da casa e da Sede, onde iriam contar aos que tinham ficado, tudo quanto haviam conseguido ver.

V. R. S. A.

LOBO DO ALGARVE

# A VOZ DO CHEFE

### O Dever para com Deus

A Religião parece uma coisa muito simples:

1.º Amar e Servir a Deus;

2.º Amar e Servir o próximo.

Os antigos cavaleiros, que eram os escoteiros da nação, eram muito religiosos. Preocupavam-se em cumprir os seus deveres religiosos, especialmente antes de entrar em combate ou de empreender alguma empresa difícil.

Consideravam que era conveniente estar sempre pronto para a morte. Na grande igreja de Malta, pode-se ver hoje, onde os antigos cavaleiros iam orar. Além de venerarem Deus na Igreja, os cavaleiros reconheciam a Sua obra na Natureza. Assim se passa com os escoteiros pacíficos do nosso tempo onde quer que estejam, amam o bosque, a montanha e a selva; gostam de conhecer e observar os animais que ali habitam, e as maravilhas das flores e das plantas.

Nenhum homem é bom, se não crê em Deus e obedece à sua Lei. Por isto cada escoteiro deve ter uma Religião.

Ao cumprir vosso dever para com Deus, estai sempre agradecídos. Sempre que se goze de um prazer, de um bom jogo, ou do êxito de ter feito uma boa acção, dai graças a Deus, nem que seja só com uma ou duas palavras, da mesma forma como se desses graças antes duma refeição. E é bom também bendizer aos outros. Por exemplo, se vires um comboio pôr-se em marcha, pedi a bênção para todos os que nele viajam.

Ao cumprir vosso dever para com os homens estai dispostos a ajudar e sede generosos, agradecendo sempre todo o favor que se vos faça e demonstrando a vossa gratidão por todos os meios.

Lembrai-vos que uma regalia que vos concedam, não é vossa enquanto não a tiverdes agradecido.

É importante o SER bom, porém é muito melhor FAZER o bem.

BADEN-POWELL

«De *El Scout Argentino*»

• • o • •

### Intercâmbio epistolar escotista

Os elementos que vão constituir o grupo de escoteiros em organização na Póvoa de Santa Iria, desejam trocar correspondência com escoteiros doutros pontos do país, no intuito interessante de tomarem contacto com a vida escotista.

Os escoteiros que desejarem corresponder a este pedido, devem dirigir-se ao dirigente do referido Grupo, Sr. Ayres Gomes Dinis: Soda Póvoa, Póvoa de Santa Iria.

## TEMAS ESCOTISTAS

# A ARTE E O ESCOTISMO E A ARTE NO ESCOTISMO

*"A maior porção (das aves) apenas embeleza, com as suas cores e os seus encantos, a vida do Escoteiro".*

VELHO LOBO

*"O mundo só será feliz, quando os homens tiverem almas de artistas, isto é, quando todos sentirem o prazer do seu labor".*

HERBART

A Arte é uma das mais nobres actividades humanas. Enquanto as Ciências e as Técnicas existem ùnicamente para prover às necessidades do homem, a Arte é um prazer, um passatempo do homem, criado livre de todo o interesse mas sòmente como culto à Beleza e à Perfeição. Deixasse o homem de sentir necessidade delas, e as Ciências não poderiam subsistir.

A Arte voa mais alto. Pràticamente não faz falta. Existe porque o homem quer que ela exista, sem qualquer outro intuito que não seja o de imitar o Criador, produzindo vida.

Isto não quer dizer que a Arte seja uma actividade supérflua, desnecessária. A Beleza e a Harmonia não podem ser desprezadas, porque são elas que definem o valor da inteligência humana e, como tal, lhe dão um lugar preponderante no seio da Natureza. Quando se puser de lado a Arte, ter-se-á, também, lançado fora estes restos de felicidade e de bem-estar que a Humanidade ainda hoje disfruta.

A Natureza é a fonte primordial da Arte. A Harmonia do seu conjunto chega a atingir os domínios da transcendência. Muito músicos célebres, poetas, romancistas e pintores, foram buscar a inspiração e eloquência a essa grande fonte.

«Um poeta é, quase sempre, um homem bom», dizia um escritor português dos nossos dias. E é bem certo. Não se pode ser um perfeito cultor da Beleza sem a sentir, sem a desejar. Por isso, é necessário dar à Humanidade o temperamento de artista para que ela possa caminhar a passos firmes para esse Ideal de Harmonia e de Perfeição, que há muito vem procurando.

Baden-Powell, ao fundar o Escotismo, não desprezou nenhum dos recursos de que podia dispor, para tornar o jovem um bom cidadão, um bom chefe de família. Assim, a Arte aparece intimamente ligada ao Escotismo. A sua Lei é a paleta de onde tira todas as cores necessárias para completar o quadro.

Como todas as grandes realizações humanas, o Escotismo não apareceu expontâneamente, à mercê de uma inspiração momentânea, mas lentamente. A princípio, Baden-Powell levou os seus rapazes para o campo. Aí deu-lhes a conhecer, à volta do fogo do conselho, não só os benefícios da sadia vida campezina, mas também a formosura das noites no campo, e o colorido das encostas das serras, batidas pelo sol brilhante. Ensinou-os, depois, a conhecer as aves, a distingui-las pelo seu gorgeio e a admirar as cores das suas plumagens.

Isto foi apenas um impulso inicial. De futuro, o Escoteiro, adquirindo a consciência de artista, recorre à todos os outros meios ao seu alcance para aperfeiçoar a sua actividade. Vêm, então, as canções, os contos e as lendas escotistas, recordadas, uma a uma, nas noites de acampamento, e, mais tarde, o Lobismo, inspirado na mais doce mística, de que qualquer escola de educação se pode orgulhar.

É neste espírito que reside o valor do Escotismo, este espírito que leva o Escoteiro a rodear toda a sua actividade, daquele mesmo carinho com que o Artista trabalha a sua Obra. É por isso que o Escoteiro pode ser considerado o artista da Boa-Acção.

Que quadro de beleza excepcional, o de um rapaz a procurar ser útil! Sim, porque o Escoteiro pratica o Bem, não sòmente pelo sentimento do dever. O Escoteiro vai mais além; perscruta o horizonte, sempre pronto a acorrer aonde houver necessidade de auxílio. Não espera a oportunidade, procura-a. Enfim, o Escoteiro bem-faz ao próximo porque nisso sente prazer, isto é, a prática da Boa Acção deixou nele de ser um dever, para se tornar um sacerdócio. E ei-lo convertido no mais puro artista. No seu trabalho, ele é o paradigma e o autor, de um engenho tal, que transforma uma paisagem de sofrimento e de dor, num quadro matizado com mestria, cheio de vida e de consolação.

É isto que é o Escotismo. É este o Ideal que os Escoteiros têm diante de si, para delinear as suas vidas, ansiando cada vez mais assemelhar-se ao modelo de perfeição que tomaram para si.

O Escotismo é, pois, a escola de educação por excelência. Não se limita a cumprir um determinado programa; semeia no coração dos seus educandos um germe poderoso, capaz de os transformar nuns verdadeiros cidadãos, felizes e aptos a bem-servir — uns verdadeiros artistas da Vida.

JOEL RIBEIRO

## O ESCOTISMO NA CAPITAL

### O Núcleo de Lisboa

Dando cumprimento às disposições do Regulamento Geral, os Chefes dos Grupos de Lisboa reuniram recentemente e elegeram para Chefe do Núcleo o nosso camarada Sr. Carlos Branquinho, confirmando assim a nomeação anteriormente feita. Na mesma oportunidade foi eleita uma Comissão composta pelos Srs. Manuel Sá Viana, Armando Lino e António M. Calhau, com a missão de elaborarem o Regulamento do Núcleo. Este foi prontamente organizado e aprovado em Conselho de Chefes, e aguarda a aprovação dos Serviços Centrais, entrando assim em vigor.

Nesta última reunião foram eleitos para constituirem, sob a presidência do Chefe do Núcleo, a Comissão do Núcleo de Lisboa, os nossos caros amigos Srs. Armando Lino e Manuel Sá Viana.

Muito embora não tenhamos ainda tido oportunidade de apreciar o Regulamento do Núcleo, não queremos deixar de manifestar a nossa satisfação pela ordem que vemos estar-se a imprimir aos serviços associativos. Finalmente parece que se está entrando no caminho da legalidade, subordinando todos os serviços às disposições regulamentares, princípio de disciplina que sempre aqui defendemos, com manifesto desagrado dos dirigentes que se julgavam no direito de pôr e dispor a seu belo talante.

Estamos certos que tal espírito de ordem continuará a fazer sentir a sua acção e que, dentro em pouco, todos os serviços estarão na devida regularidade, para que o Organismo possa desenvolver uma actividade útil, sem os atritos e atropelos que uma acção desordenada necessàriamente provoca.

Que todos os dirigentes dos Grupos da Capital saibam dar a colaboração devida, e bem merecida, a todos aqueles que se encontram animados de tão bons intuitos, para que o Movimento em Lisboa saia do marasmo e, sobretudo, da desorganização em que tem vivido.

• • ○ • •

### Ernest Thompson Seton

Com a idade de 86 anos faleceu recentemente este grande naturalista. Dotado de invulgar talento e espírito de observação, estudou e observou a vida dos animais, tendo publicado 42 livros com as suas notáveis investigações, o último dos quais veio a lume pouco tempo antes do seu falecimento.

A sua principal obra, de carácter monumental, ocupou-lhe dez anos da sua vida e teve 1.500 ilustrações da sua própria autoria, intitula-se: *Game Animals in North America* (Animais de Caça da América do Norte).

Seton foi um grande colaborador de Baden-Powell e foi um dos fundadores da *Boy Scouts of America* e seu Escoteiro-Chefe Geral, tendo sido de sua autoria o primeiro manual escotista americano.

Escocês de nascimento, viveu grande parte da sua vida no continente americano que percorreu em todos os sentidos e latitudes desde as regiões árcticas.

# SECÇÃO TÉCNICA

## Primeiros socorros

*(Continuação do número 20)*

### Como se levanta um ferido

Evitar as sacudidelas. Se se tratar duma fractura de um membro inferior, tomar o membro com uma mão por cima da fractura e com a outra por debaixo dela. Outra pessoa se encarrega do membro são.

A terceira levanta o ferido por debaixo dos ombros e a quarta ao nível da pélvis. Se não se contar com esse número de ajudantes, unam-se ambas as pernas ao nível das rótulas e tornozelos; levante juntas ambas as pernas, enquanto o ajudante levanta o ferido por debaixo dos ombros.

Ao marchar ter o cuidado de o fazer com o passo trocado com o ajudante do lado e certo com o da frente.

### Entorses

Uma entorse é uma distensão súbita duma articulação, causada por queda ou golpe, etc. Diferencia-se uma entorse duma luxação em que no primeiro caso a articulação não apresenta mudança real na sua forma, comparada com a outra articulação, por o osso não ter saído do seu lugar, como acontece na luxação. Haverá inchação, nódoa negra, e dificuldade nos movimentos.

Trata-se como uma contusão, aplicando uma ligadura molhada em água fria, fazendo compressão sem apertar demasiado a ligadura. A água fria será aplicada em seguida e renovar-se-á amiúde. Far-se-á descansar o membro e, se se tiver de transportar o doente, faz-se uma imobilização como para os casos de fractura.

Se por excesso de dor não se toleram os panos frios, banhe-se a articulação com água o mais quente que se possa suportar.

Convém não descalçar o sapato ou bota antes que o doente chegue a sua casa; molhe neste caso a meia, deitando água dentro do sapato depois de o ter folgado e coloque uma ligadura por cima do sapato.

Ao chegar a casa descalce o sapato ou corte-o e coloque a articulação em água quente durante vinte minutos, seque e envolva em algodão e ligadura forte. O mesmo tratamento para o pulso. Não se andará com uma entorse do tornozelo, nem se moverá o pulso, porque dessa maneira a dor aumenta.

No próximo número:

«Luxações»—Adap. de *El Scout Argentino.*

## Nada de novo... Mas necessário

Conhecer intimamente o mundo que nos rodeia, é mais que interessante—é útil. Saber dizer que esta planta, animal ou rocha pertence a tal tipo e ao grupo tal e que tem estas e estas características, tornará os teus acampamentos, as tuas visitas ao campo mais aprazíveis, mais instrutivas e de maior valor escotista.

É com o intuito de elucidar aqueles que, por causas diversas, desconhecem assuntos biológicos e geológicos que escrevo este artigo e os que, possivelmente, se seguirão.

Porém, todos podem e devem ler, porque quem desconhecer colhe semente nova e, quem já a colheu, poderá verificar o seu estado.

Para que possamos ter exemplos concretos, convido-te a um passeio ao campo. Aceitas, amigo leitor? Pois bem, partiremos já. Para quebrar a monotonia do passeio vou-te dizer alguma coisa:

Decerto que não ignoras que há um reino muito grande, reino vegetal, outro animal e ainda um outro denominado mineral, de cujo estudo se ocupam as Ciências Naturais. É nesse mundo de magia e engenho que vamos viver uns momentos e trocar algumas impressões. Entremos nele.

Primeiramente, vamos ali àquela seara e vejamos o que há: um campo de trigo e como que uns salpicos de sangue; são as papoilas —Para que servirão as papoilas? O quê, que dizes? Ah!... Julgo saber e, como se fosse Maeterlinck, alvitro: Vês uma cidade industrial cobiçada pelos adversários e vizinhos. Se o não vês, imagina por momentos. E o que julgas que ela faz? fica de braços cruzados perante o perigo? Não. Arranja meios próprios para sua defesa. Arma-se e defende-se com os seus soldados prontos a protegê-la em qualquer emergência. Transita o que te disse para a seara (a cidade industrial) com os seus inimigos (os insectos, os pássaros, os roedores, etc.) e não achas que as papoilas (soldados) desempenham um papel preponderante na conservação da plantação?

Mas analisemos a papoila: veremos que, à semelhança do homem, tem as suas partes essenciais: o caule em que prende as suas folhas verdes, como são geralmente todas, e recortadas, a flor vermelha, pela cor das pétalas cujo conjunto forma a corola, apoiada ao pedúnculo, que é o filamento do caule que prende a flor, em cujo extremo se encontra o cálice verde que não é mais do que o conjunto dessas folhinhas verdes, também denominadas sépalas.

Ao centro da flor encontraremos um carpelo resultante da junção de outros, isto é, um corpúsculo com a forma de garrafa (vá lá com boa vontade há semelhança), com as suas partes componentes (ovário, estilete e estigma) e, em volta, espécies de pequenos paus de fósforo, muito mais delgados, menos consistentes, mais pequenos e ainda de natureza diferente: os estames com filete e antera. Mais tarde, com o decorrer de certos acontecimentos, o ovário transformar-se-á num fruto (cápsula) e os corpúsculos que aquele possuía denominados óvulos, transformam-se noutros corpos denominados sementes.

A prender a planta à terra encontra-se a raiz que é subterrânea, aprumada porque tem uma raiz principal a partir do colo, que é a região em que a raiz se prende ao caule que se vai adelgaçando e donde partem raízes secundárias mais finas e mais consistentes que o caule. O caule quando picado deita um líquido leitoso denominado látex, muito desagradável aos bichinhos e passarinhos. Eis a arma da papoila, o LÁTEX.

Suspenderemos hoje o nosso passeio e voltaremos aqui brevemente.

ANTÓNIO PISSARRA GOUVEIA

■

## A cozinha do acampamento

*(Continuação do n.º 20)*

### A Fogueira

a) *Preparação*

A fogueira deve ser construída num local em que possa se aproveitado o vento para regular a tiragem. Assim, evitar-se-á, muitas vezes, de se soprar ou abanar o fogo para o ventilar.

Se o solo está húmido é bom cobri-lo com pequenas pedras ou paus, colocados uns ao lado dos outros, e sobre eles acender o fogo. Em redor da fogueira corta-se todo o mato e retira-se todos os galhos de árvore e qualquer outro combustível que possa comunicar o fogo ao local, ocasionando um incêndio.

b) *Lenha*

Da qualidade da lenha depende muito o rendimento da fogueira. O bom escoteiro conhece bem a lenha que convém à sua fogueira.

A madeira verde ou húmida não

deve ser aproveitada; qualquer delas queima mal e faz bastante fumo, que virá incomodar o fogueiro e enfarruscar muito os utensílios da cozinha, Inútil é, também, a madeira morta, isto é, aquela que caiu da árvore há muito tempo.

Os galhos secos, cavacos que se encontram espalhados pelo chão, arbustos e caruma secos é o combustível que se deve preferir.

A lenha mole, de fibras pouco apertadas e leve, acende e queima ràpidamente. A lenha dura, de fibras expessas, custa mais a acender, mas queima lentamente.

A lenha mole é conveniente para pequenas fogueiras; para fogo demorado e de grande volume calorífero, a madeira dura.

O azinheiro, sobreiro, faia, carvalho e castanheiro, dão-nos a melhor qualidade de madeira para queimar.

Quando a lenha está molhada por ter apanhado chuva, raspa-se a superfície dos primeiros garavetos a utilizar. A humidade, neste caso, não penetra até ao interior. Os cavacos a usar depois, serão colocados perto do fogo; o calor fá-los-á secar bem depressa.

Nunca se deve esquecer que o escoteiro economiza a maior quantidade possível de lenha.

*(Continua)*

■

## Mamíferos

### O Ouriço-cacheiro

Caro escoteiro: aqui está outro animal que bem merece a tua protecção. É um mamífero, tem o dorso coberto de espinhos e enrola-se em bola quando se julga em perigo. Faz a sua criação no fim da primavera em ninhadas de cinco a oito, em ninhos espaçosos e bem forrados de folhagem, construídos em sítio abrigado: na base de troncos ocos, nos buracos dos muros, no mato, nos silvados, etc.

Muito embora seja um animal escuro, os filhos nascem brancos, com o corpo coberto de pelos acetinados, que se transformarão nos espinhos.

É um animal nocturno. É muito útil à agricultura porque se alimenta de lesmas, caracóis, besouros, gafanhotos, ralos, vermes, ratos, toda a espécie de cobras, incluindo os perigosos licranços e víboras. Também se alimenta de frutas, mas não toca nas hortaliças.

Tem sido acusado de assaltar as capoeiras, mas parece que injustamente, sendo esses assaltos da responsabilidade das doninhas, limitando-se a destruir os ratos, o que representa um bom serviço.

Há quem use a sua carne como alimento, especialmente os ciganos, que o assam dentro de barro. Porém, nós, escoteiros, devemos proteger estes animais que além de úteis são interessantes. A nossa protecção não se deve limitar a não os destruir, mas devemos procurar convencer os nossos agricultores que a presença de ouriços-cacheiros nos seus campos lhes é muito útil.

OBSERVADOR

■

## Insígnias de aptidão

### Artista

1.º — Apresentar um álbum com o mínimo de 20 esboços de animais vivos, cenas escotistas, monumentos artísticos, etc.

2.º — Conhecer as regras principais da perspectiva.

3.º — Conhecer os principais estilos de arquitectura e mobiliário (em especial os nacionais).

4.º — Pintar a aguarela ou óleo uma flor.

5.º — Pintar ou desenhar uma paisagem simples.

6.º — Apresentar um dos trabalhos artísticos, seguintes: modelação, aguarela, pintura, a óleo, "gouache„, desenho à pena, pastel, pirogravura metal ou couro "repoussé„, mosaico, telha ou encadernação artística.

## INCONFIDÊNCIAS

● **Queixinhas** — Meus caríssimos amigos: O *Olho à Coca* agradece muito o vosso espírito de *detective*, mas só faz aqui referência àquilo que vê. Tenho recebido cartas, cartinhas e cartões. Obrigadinho. Podem continuar a mandar, mas só falarei nelas quando caírem sob a vista. E desculpem não responder, mas para isso tinha de meter uma secretária esteno-dactilógrafa.

● **Jarrões** — Aqui está uma coisa que eu vi em correspondência semi-oficial. Vai-se proceder à liquidação de *jarrões velhos!* Se forem postos à venda *certos exemplares* de estimação, que farta concorrência de público haverá! O melhor é fazer leilão.

Como sempre, recomendações do

OLHO À COCA

## «Escotismo e Esperantismo»

A Senhora Baden-Powell, escoteira-chefe do mundo, repetiu a aprovação do Esperanto que ela e Lorde Baden-Powell já tinham frequentemente expressado durante os anos da sua direcção do movimento escotista. Em carta à Dr.ª Lídia Allen De Vilbisse em Miami, Florida, E. U. A, a Senhora Baden-Powell escreve o seguinte:

«Aprecio muito a sua ideia de me enviar a informação sobre a sua sociedade esperantista. Claro que estive frequentemente em contacto com ela e seria magnífico se a Senhora Roosevelt pudesse persuadir a U. N. O. em intruduzir o Esperanto em todo o mundo e fazê-lo aceitar em todas as escolas.

Traduzido da revista «American Esperantist» para a «Esperanto Internacia».

**Este número foi visado pela Comissão de Censura.**

# DESPORTO

## Torneio preparatório de Voleibol

Conforme noticiámos este Torneio teve início no Domigo 8 de Dezembro findo, no Campo do Ateneu Comercial de Lisboa, só se tendo realizado um encontro por falta de tempo. Encontraram-se os Grupos n.os 2 e 53, que alinharam: Pelo 2, José Cardoso, Joaquim Ferreira, Alberto Simões, Jorge Pinto, Darjan Martins, Mário Marcelo e suplentes Mário Martins e Tibério Lopes.

Pelo 53, José Ferreira, José Rana, Rui Cunha, Samuel Vieira, José Trindade e Adelino Cunha.

O jogo principiou às 9,30 tendo sido vencedor das duas partes, respectivamente por 15 a 5 e 15 a 1, o Grupo n.º 2.

Arbitraram os Srs. António Amaral e Domingos Silva, ambos jogadores do Ateneu. À estes amigos apresentamos o nosso agradecimento pela amabilidade em aceder ao nosso pedido e, também, pelas proveitosas indicações que deram aos rapazes.

O jogo, como o próprio resultado indica, foi de grande vantagem para o 2, notando-se que o 53 foi a primeira vez que praticou a modalidade. Esperamos, no entanto, que no futuro se façam melhores provas, visto que a finalidade do Torneio é, exactamente, preparar as equipas.

No domingo dia 15 deveriam ser realizados os encontros 9 com o 16 e 2 com o 93. O Grupo 16 marcou pontos por falta do 9. O encontro entre o 2 e o 93 foi adiado.

Devemos fazer notar que os jogos que não se realizarem nas datas estabelecidas só se poderão fazer depois dos últimos jogos do Torneio.

Para o mês de Janeiro estão marcados os seguintes encontros:

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Dia | 5— | Grupos | 53 | com | 93 e 16 | com 94 |
| » | 12— | » | 85 | » | 2 e 16 | » 93 |
| » | 19— | » | 9 | » | 85 e 53 | » 94 |
| » | 26— | » | 9 | » | 53 e 2 | » 16 |

Todos os jogos se iniciam às 9 horas no campo do Ateneu Comercial de Lisboa.

### ÚLTIMAS NOTÍCIAS

No domingo, dia 22, encontraram-se os grupos n.os 53 com o 85 e 9 com o 93, jogos que terminaram com as vitórias dos grupos n.os 85 e 93, respectivamente.

MEIAS
"NYLON-DUPONT"
51 GAUGE AUTÊNTICO, AMERICANAS
● CORES CINZENTO E PRETO ●
O MELHOR BRINDE
MEIA DE VIDRO
RUA AUGUSTA, 158 Telefone 3 0812

# A CAVERNA DE AKELÁ

## Meio minuto de conversa

*Caros Amigos:*

*A história do Lobito do Bando Azul, Vasco, sofre agora uma breve interrupção. Este mês vamos fazer uma pequena viagem à selva, ver de perto aqueles animais que Mauglí conhecia tão bem.*

*Vamos espreitar Pa-Badak, o poderoso, mas também poltrão rinoceronte, e observar as consequências que podem atingir aqueles que se entregam à tolice e ao ridículo.*

*Espero que todos apreciem o passeio e aprendam os ensinamentos que a selva nos vai dar.*

*Vosso amigo*
*Joel*

## A Culpa do Rinoceronte

Um dia Daim-Souris, o Gamo, foi visitar Pa-Badak, o Rinoceronte. Pa-Badak não estava em casa, mas os seus sete filhos e sete filhas encontravam-se lá brincando no chão.

—Onde está o vosso pai, meus meninos?—perguntou Daim-Souris.

—Foi banhar-se no rio,— responderam os pequenos rinocerontes.

Mesmo neste momento, o Elefante não muito longe dali, no mato, fazia ouvir a sua trombeta de guerra. Emitiu um som tão terrível que as aves deixaram de cantar, os macacos de tagarelar e até as borboletas de voar de flor em flor.

—Deve estar próximo um inimigo,— pensou Daim-Souris ao mesmo tempo que se punha a dançar a sua dança de guerra. Na sua excitação não reparou nos filhos de Pa-Badak, pisando-os, transformando os rinocerontezinhos em pedaços de carne ensanguentados.

—Que fiz eu? que fiz eu?—disse Daim-Souris ao ver mortos os pequenos rinocerontes. E sem perder tempo saiu a toda a pressa para sua casa, a fim de aí reflectir sobre o que havia de fazer.

Quando Pa-Badak voltou do banho e encontrou os cadáveres dos seus filhos marcados com as patas de Daim-Souris, apoderou-se dele uma enorme cólera e foi, imediatamente, queixar-se ao rei Salomão.

Este estava assentado no meio da sua corte, sobre um trono de ouro, entre as suas mulheres e seus generais.

—Que queres tu de mim, Pa-Badak?— perguntou-lhe o rei Salomão.

—Venho pedir castigo para Daim-Souris, ó Rei!

—Que mal te fez ele?

—Dançou em cima meus filhos e matou-os!

O rei Salomão acariciou a sua barba, comprida e branca, e ordenou a Burong-Bayan, a ave mensageira, que fosse mandar vir à sua presença Daim-Souris. Esta imediatamente levantou voo e desapareceu ràpidamente.

—Porque mataste os filhos de Pa-Badak?—perguntou-lhe o rei quando o Gamo chegou.

—Ai de mim, ó Rei! A culpa não foi minha! Ouvi o Elefante tocar a sua trombeta de guerra e julguei que o inimigo se aproximava; pus-me logo a executar a minha dança de guerra e, mau grado meu, fiz em pedaços os garotos de Pa-Badak!

O rei Salomão acariciou a sua barba branca e comprida, e chamou Burong-Bayan e mandou-a buscar o Elefante. A ave esvoaçou e desapareceu no horizonte.

—Elefante, porque tocaste a tua trompa de guerra, que levou Daim-Souris a fazer a sua dança de guerra e a matar os pequenos de Pa-Badak debaixo de seus pés?

—Por favor!—suspirou o Elefante—Não sou eu o culpado, ó Rei! Passava pela margem do rio quando vi o Crododilo que, revestido da sua armadura, deslizava pela corrente. Pensei que o inimigo se aproximava e então soprei na minha trompa de guerra.

O rei Salomão alisou a sua barba comprida e branca.

—Vai procurar o Crocodilo!—ordenou a Burong-Bayan, que voou batendo as asas.

—Crocodilo, porque vestiste a tua armadura, o que obrigou o Elefante a tocar a sua trombeta e Daim-Souris a bailar a sua dança de guerra sobre os filhos de Pa-Badak, do que resultou ficarem despedaçados e mortos?

—Ó Rei! Não tenho a culpa! Vislumbrei a Tartaruga que nadava junto à margem, com o seu escudo sobre o dorso. Cuidei que o inimigo estava perto e, então, enverguei a minha armadura.

O rei Salomão penteou, com os seus dedos ressequidos, a sua branca e comprida barba, e disse à ave-mensageira que fosse procurar a Tartaruga.

—Ó Pés-Lentos—disse Salomão,—porque carregavas o teu escudo que fez crer ao Crocodilo que um inimigo se acercava, obrigando-o a vestir a armadura e o Elefante a tocar a sua trompa de guerra e Daim-Sourim a dançar em cima dos pobres filhos de Pa-Badak?

—Por quem és, ó Rei!—clamou a Tartaruga—Vi Nokdiak, o Equidno, correr, carregado de zagaias. Assim, cri que estava próximo um inimigo e empunhei o meu escudo par o atacar.

O rei Salomão sacudiu a sua bela e longa barba branca.

—Tragam-me Nokdiak!—ordenou.

Assim que Nokdiak apareceu revestido as suas setas tilintantes, o rei Salomão perguntou-lhe.

—Ó Espinhoso! Porque percorreste, todo carregado de zagaias, o meu país? Bem sabes que só os archeiros do rei podem trazer armas...

—Não estou em falta, grande Rei!— afirmou Nokdiak. Ia tranquilamente beber ao rio, quando encontrei Pa-Badak, o Rinoceronte, a fugir, com a sua barriga quase roçando a terra e arrancando as árvores. Isto fez-me pensar que um inimigo o vinha seguindo! Em vista disso, tomei as minhas zagaias para me defender.

O rei Salomão puxou tão violentamente a barba (já vos disse ela era comprida e branca?) que arrancou um punhado de pelos.

—Eh! Pa-Badak; porque fugias arrancando as árvores, fazendo crer que um inimigo estava próximo, quando não havia ali nenhum?

—Não sou culpado, ó Rei!— disse Pa-Badak.—Tinha descido ao rio para me banhar e, observava a água, quando me apercebi dum inimigo com um capacete brilhante e prestes a saltar sobre mim. Assim, pus-me a correr através dos canaviais para vos dizer, ó Rei, que um inimigo estava próximo.

O rei Salomão ficou tão perplexo que a sua barba tomou a forma de um ponto de interrogação.

—Quem era esse inimigo? perguntou ele.

Bantangan, o macaco de nariz comprido que tinha estado todo este tempo a escutar as testemunhas, gritou de repente:

—Posso falar, ó Rei?

—Fala!—disse o rei agastado.

—Eu estava sentado numa árvore à borda do rio, quando Pa-Badak se foi banhar. Ele não tinha ali nenhum inimigo com um capacete brilhante na cabeça, escondido na água para saltar sobre ele. Pa-Badak, viu simplesmente, o seu reflexo, na superfície e, como é tolo, enfiou-se pelos canaviais dentro, julgando-se perseguido por um inimigo. Eis a verdade, ó Rei!

O rei Salomão ficou tão furioso, que a sua barba se estendeu como um ponto de exclamação.

—Tu és um poltrão Pa-Badak!—gritou ele.—Tiveste medo da tua sombra e assustaste o Equidno, que, julgando um inimigo à porta, armou-se com as suas azagaias. A tartaruga ao ver assim Nokdiak, empunhou o seu escudo. O Crocodilo ao ver a Tartaruga com o escudo, vestiu a sua armadura; o Elefanto ao ver o Crocodilo com a sua armadura, tocou a sua trombeta de guerra para advertir todo o país. O som da trompa assustou Daim-Souris que, ao dançar a sua dança de guerra, matou os teus petizes. A culpa não é de Daim-Souris, mas sim tua. Está encerrado o julgamento!

MERWYN-SCKIPPER

Trad. do francês. Publicado na revista escotista belga «*Au Grand Vent*».

# Campanha para 1.000 novas assinaturas

Continuam a chegar até nós novas assinaturas, quer directamente, quer por intermédio doutros nossos assinantes.

No último número tínhamos registado 481 assinaturas. Devemos abater 3 que não foram efectivas, portanto, 478. Hoje registamos mais as seguintes:

Sr. Sargento Liberto da Conceição, por intermédio do Grupo n.º 59. Srs. José Ferreira da Silva, A. Serrão da Veiga, Ayres Gomes Dinis e Manuel Pinto Santana, directamente. Por intermédio do Sr. Francisco José, o Sr. António da Costa Ramos.

Srs. Francklim C. Farinha, Rogério da Silva Reis, D. Brilhantina Ferreira, Joaquim de Sousa e José Guedes Pinheiro, propostos pelo Sr. Mário Correia.

Srs. Fernando Augusto Dias, Ruy Sanches Pereira, Álvaro R. Carvalho Leitão, António Martins Mendes e Custódio Ribeiro, propostos pelo Sr. Ayres Gomes Denis.

Sr. Saphera Costa, proposto pelo Sr. Luís Simões Aurélio.

Esclarece-se que a assinatura do Sr. Duarte de Oliveira e Silva, foi proposta pelo Grupo n.º 2.

O nosso dedicado agente em Angra do Heroismo, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, firmou mais 5 assinaturas, estando agora a seu cargo 40 exemplares de cada número do jornal.

Total de novas assinaturas: 501.

A todos os novos assinantes e a seus proponentes os nossos melhores agradecimentos.

## A Campanha de 1947

Em 1946 conseguimos atingir metade do alvo a que nos propusemos — **1.000 novas assinaturas.** Em 1947 vamos prosseguir na campanha. E aqui apelamos para todos os nossos amigos para que nos ajudem. O «*Sempre Pronto*» para firmar a sua situação necessita de aumentar a tiragem. O alvo da nossa campanha não é, portanto, um simples desejo, mas uma necessidade.

E não é difícil atingir as 1.000 novas assinaturas! Quantos amigos nos poderiam ter já enviado um novo assinante ou, pelo menos, ter-nos dado indicação dum nome?

Estamos certos que, neste princípio do ano, o «*Sempre Pronto*» vai sentir a cooperação dedicada de todos os seus amigos, num esforço comum para que as 500 assinaturas que faltam, em breve tenham sido registadas.

Portanto, de hoje em diante a campanha será—**MAIS 500 ASSINATURAS!**

Quem nos ajuda?

## DO ENTRONCAMENTO

### GRUPO N.º 84

**Festa do Concelho** Conforme noticiámos no último número, no dia 24 de Novembro o Entroncamento esteve em festa por motivo da passagem do primeiro aniversário do Concelho.

A nossa Banda tomou parte activa nas comemorações. Às 8 horas da manhã, após a alvorada ter sido anunciada por uma grandiosa salva de morteiros, a Banda do 84 percorreu as ruas da Vila cumprimentandb assim a população.

Às 9,30 horas realizou-se uma parada das colectividades do Concelho em frente do edifício da Câmara, na qual tomaram parte a Mocidade Portuguesa, escolas, estandartes das diversas colectividades e o nosso Grupo de escoteiros com a respectiva Banda. Procedeu-se, então, ao içar da bandeira nacional e concelhia, enquanto a Banda tocava o hino nacional, após o que a Câmara apresentou cumprimentos à Junta de Freguesia, executando a Banda o hino do Grupo.

Às 12 horas o Sr. José Duarte Coelho, Presidente do Grupo 84, ofereceu um almoço a todos os componentes da Banda, que decorreu com grande animação.

À tarde, a Banda realizou um concerto no Mercado, em virtude do mau tempo não permitir que o mesmo se executasse no Jardim Parque.

O Grupo 84 fez-se ainda representar na sessão solene e no jantar de homenagem ao Presidente da Junta de Freguesia, Sr. José Duarte Coelho.

**Comemoração do 1.º de Dezembro** A Banda do Grupo fez a alvorada às 4 horas da manhã do Dia da Restauração, percorrendo as ruas da Vila tocando o Hino da Restauração.

**Nascimento** O lar dos nossos amigos Srs. Fernando Guia e sua Esposa foi enriquecido com uma interessante menina. Apresentando os nossos parabéns, desejamos-lhes felicidades,—C.

• • o • •

## António Dionísio Alves de Azevedo

Já o nosso jornal se encontrava no prelo, quando fomos surpreendidos pela infausta notícia do falecimento, em 24 de Dezembro findo, do Sr. Eng.º António Dionísio Alves de Azevedo, pai do nosso camarada de redacção e dirigente escotista Sr. Henrique Alves de Azevedo, a quem apresentamos sentidas condolências, bem como à restante família.

• • o • •

## ESTATUTOS DA A. E. P.

Tiveram a gentileza de nos enviar as importâncias abaixo designadas para pagamento voluntário dos estatutos publicados em suplemento ao n.º 19 do nosso jornal, os seguintes amigos:

| | |
|---|---|
| Sr. Fausto Salazar Leite... | 1$00 |
| » Amadeu Cândido Braga | 1$00 |
| Grupo n.º 84 ..... | 10$00 |
| » » 6 ..... | 15$00 |

Agradecemos, reconhecidos, mais esta prova de simpatia.

Spril

ARTIGOS DE SPORT E JOGOS

•

Rua do Loreto, 34, 2.º

Telefone 2 2797

LISBOA

# ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

### Grupo n.º 6—Olhão

**Comemoração do 1.º de Dezembro** — Este Grupo comemorou esta data içando, logo de manhã, a bandeira nacional na fachada da sua sede.

Às 9 horas desfilou através das ruas da Vila até ao Monumento dos Restauradores, onde foi prestada homenagem aos gloriosos heróis de 1640. O departamento local da Divisão Auxiliar Feminina associou-se a este acto, tendo um dos seus membros colocado um ramo de flores no pedestal do Monumento.

Depois do Sr. Francisco Pina, instrutor do Grupo, ter proferido uma breve alocução da data histórica, o Grupo desfilou, de novo, até à sua sede.

### Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

**Actividades** — Durante o mês de Novembro, realizou este grupo 3 «bivaques mistério» pelos arredores da Vila, que decorreram muito animados. Tratou-se da defesa e ataque a um «reduto» pelas patrulhas, construção de vários modelos de pontes aproveitando os acidentes do terreno e os esteiros, e diversos processos de orientação e pista.

Por ser um novo método de trabalho, estes bivaques entusiasmaram a rapaziada do «60» que espera aproveitar os domingos de bom tempo para continuar a trabalhar.

**Festa do Fim do Ano**—No dia 1.º de Janeiro, e a exemplo dos anos anteriores, reunem-se todos os escoteiros deste grupo, bem como a Secção da D. A. F., em festa de confraternização, comemorando assim a passagem do ano.

**Divisão Auxiliar Feminina**—Aproveitando a quadra festiva do Natal e fim do ano, o departamento da D. A. F. de Vila Real de Santo António, oferecerá doze mudas de roupa a doze crianças das mais necessitadas da nossa terra, encontrando-se as próprias escoteiras trabalhando em sua confecção.

LOBO DO GUADIANA

### *Chefe Regional do Sul (Algarve)*

Temos conhecimento de que foi convidado paraassumir este cargo, o nosso amigo E. C. D. Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros ,ex-Chefe do Grupo 6 de Olhão.

Fazemos votos, e estamos certos de que todos os escoteiros do Algarve o fazem connosco, que este nosso irmão-escoteiro aceite o referido lugar, a bem do Escotismo *aepista*.

• • o • •

## O 34.º aniversário do Grupo n.º 2

Em comemoração do 34.º aniversário da sua fundação, realizou este Grupo no dia 1 de Dezembro o seu habitual chá de confraternização, entre todos os actuais escoteiros e alguns antigos.

Antecedeu o habitual momento comemorativo, a cerimónia do Compromisso de Honra de 2 novos escoteiros e a entrega à École Française de Lisbonne da medalha de «Dedicação e Bons Serviços» classe ouro, com que havia sido galardoada.

Jogos e canções completaram esta festa.

Estava no espírito de todos os escoteiros o desejo de que essa data fosse comemorada com mais luzimento, mas, o golpe que o Grupo n.º 2 sofreu com a perda da sua Sede não lhe permitiu dar realização aos projectos feitos, no entanto, *sempre sorrindo às dificuldades*, aguardará o próximo ano para festejar condignamente a sua «velhice», prestando assim homenagem aos seus antecessores e dando novos alentos aos que hoje e amanhã têm a missão de continuar a herança recebida.

## O « Sempre Pronto » no Uruguai

Duma amável carta recebida do Sr. Rev. José Raul Porto, Director da Revista «Siempre Listo» dos *Exploradores Don Bosco*, do Uruguai, transcrevemos os períodos que se seguem:

*Senhor Director do «Sempre Pronto»:*

*Recebemos os três últimos números da revista* «Sempre Pronto» *que temos apreciado todos, pois aqui o idioma português é sumamente fácil de entender.*

*É uma revista magnífica e exemplar e para nós um modelo que vamos imitar publicando a nossa nova revista do Comando Geral dos "Exploradores Uruguaios„ e que se chamará* "Siempre Listo„.

. . . . . .

*Na nossa pátria possuímos gloriosas recordações do vosso passado histórico, quando os vossos antepassados fundaram aqui cidades, como a Colónia do Sacramento, fortalezas que ainda hoje resistem aos séculos e são visitadas por turistas e historiadores de todo o mundo.*

*O nome de Portugal e da sua glória está escrito em todos os lugares históricos deste nosso país tão querido.*

*Ao Sr. Director, Redactores e Administrador da Revista, a todos os escoteiros do Grupo 94, e a todos os grupos de escoteiros portugueses, enviamos saudações dos escoteiros e exploradores uruguaios.*

. . . . . .

a) *José Raul Porto*

Agradecemos sensibilizados as palavras amigas dos nossos irmãos-escoteiros uruguaios, e retribuímos, em nome de todos os escoteiros portugueses, as saudações enviadas.

• • o • •

## Dos Amigos do "Sempre Pronto"

**De luto**—Em Novembro último faleceu o Sr. Raul Pereira Merelo, pai do Sr. Cláudio Merelo, Sub-Chefe do Grupo 53; sogro do antigo Chefe do mesmo Grupo Sr. João Pedro de Figueiredo, e tio do Tesoureiro também daquele Grupo Sr. Vítor Camilo Duarte.

A toda a família em crepes, em particular a estes nossos estimados camaradas, apresentamos sentidas condolências.

—Só agora tivemos conhecimento do falecimento, com a avançada idade de 84 anos, em 19 de Novembro p. p. do Sr. António Pinto Ribeiro, pai do Sr. Rev. António Pinto Ribeiro Júnior, presidente do Grupo 53.

A este nosso estimado amigo, bem como à restante família, apresentamos sentidas condolências.

**De viagem**—Em Novembro p. p. partiu para Moçambique, onde vai estabelecer a sua vida profissional, o nosso amigo Sr. António Borges de Mendonça, antigo escoteiro do Grupo 2 e irmão do nosso dedicado Delegado naquela província ultramarina.

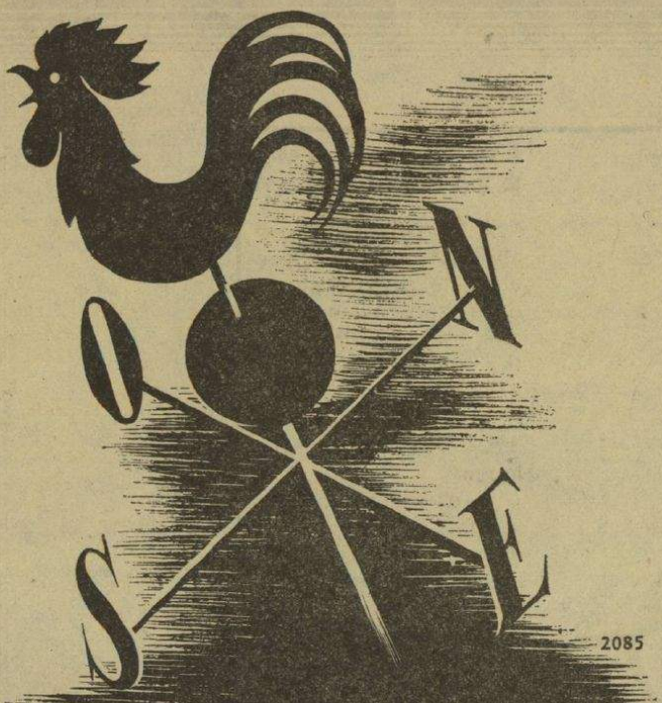
Desejamo-lhe as maiores felicidades.

**De parabéns**—O lar dos nossos estimados amigos de Vila Real de Santo António, Sr. Manuel Tacão Monteiro e de sua Esposa Sr.ª D. Elisabeth Mendes Monteiro, foi enriquecido com o seu primogénito, que recebeu o nome de Daniel. Apresentamos os nossos parabéns aos felizes pais e desejamos as melhores venturas ao Daniel.

• • o • •

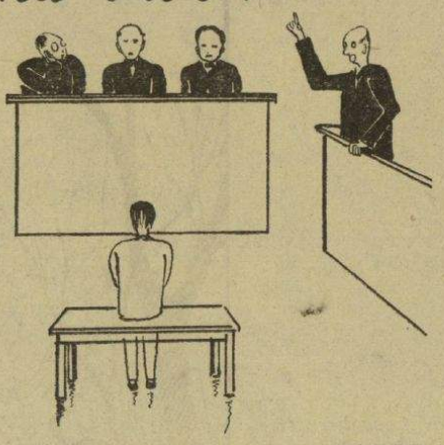
## Comemorações do 1.º de Dezembro

Dando cumprimento ao que foi resolvido pela reunião de Chefes dos Grupos do Núcleo de Lisboa, realizou-se a deposição de um ramo de flores no monumento aos Restauradores, por duas patrulhas seniores, sendo uma do Grupo n.º 2 outra do Grupo n.º 53, sob a direcção do Sub-Chefe do Grupo n.º 115, Sr. António Mira Calhau.




DE NORTE A SUL
DE PORTUGAL
TÓDA A GENTE CONHECE E APRECIA OS ARTIGOS
VACUUM

*uma mancha na vida.*



Antes a tivesse no fato. Um pacote do CASULO LIMPA FATOS e estava o caso arrumado!

Tira o lustro, as nódoas e o mau cheiro.

Desinfecta e limpa, ficando como novos os fatos velhos, dando-lhes novo apresto.

É como se viessem novinhos do alfaiate, e ficam com maior duração.

Fabricado com 6 produtos químicos diferentes, inofensivos para as pessoas e tecidos.

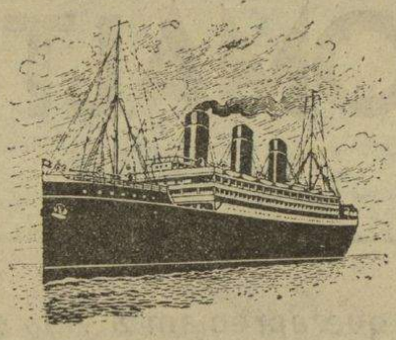
Cada pacote custa apenas 2$50 e dá para 1 litro de soluto

Em todas as drogarias do País

REVENDA:
SOCIEDADE PORTUGUESA DE SABÕES, L.DA
Rua dos Lusíadas, 29—Lisboa Telef. 36531

## AGÊNCIA INTERNACIONAL DE VIAGENS

Vende passagens em todas as classes para o RIO DE JANEIRO, SANTOS, BUENOS AIRES, AMÉRICA DO NORTE E ÁFRICAS PORTUGUESAS, PARA OS PRIMEIROS PAQUETES E AVIÕES, A SAIR, tratando igualmente de toda a documentação necessária para passaportes de Viajantes, Imigrantes e Turistas.



BRASIL, AMÉRICA DO NORTE e VENEZUELA

— AGENTE OFICIAL —
Mário Antunes de Carvalho

Rua da Madalena, 152, 2.º Esq.
Telefone 2 1455
LISBOA

## A PRESTAÇÕES SEM FIADOR

Lindos candeeiros de tecto e de mesa, ferros de engomar, radiadores, APARELHOS DE T. S. F., etc.

Lâmpadas de todas as marcas. Lanternas de algibeira próprias para campo

DESCONTOS A ESCOTEIROS

ELECTRO-BRILHANTE
RUA DOS FANQUEIROS, 187—Telef. 32262—LISBOA



**SE TIVER UMA ÉTAPE LONGA**

...A **Ovomaltine** evitar-lhe-á a intoxicação alimentar provocada por uma superalimentação mal compreendida, que lhe parece necessária para combater a fadiga, e que, realmente, não lhe traz senão desvantagens.

A eliminação das toxinas implica um aumento de esforço do seu organismo, e se tiver uma étape cheia de acidentes, a sua forma será de pouca duração.

Lembre-se da **Ovomaltine,** que lhe dará um regime saudavel e leve, suficientemente rico para compensar os gastos do organismo.




# OVOMALTINE

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. — BERNE

*Para aqueles que apreciam a vida ao ar livre a Ovomaltine constitue o alimento ideal porquanto possue um elevado poder nutritivo, sendo de facílima preparação e transporte. Para o escoteiro ou campista, principalmente, representa uma vantagem enorme pois, uma alimentação quase exclusiva de Ovomaltine mantém o organismo em condições de resistir às maiores fadigas sempre com uma admirável disposição.*

**Compre já hoje Ovomaltine!**